



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10228 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Professor pode inventar qualquer história?: hospitalidade e currículo em história  
Bruno Fernando Santos de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

### **Professor pode inventar qualquer história?: hospitalidade e currículo em história**

**Resumo:** Este texto busca operar a partir de uma dupla inserção sobre a questão da invenção: como forma de resposta à alteridade no espaço interrelacional da educação e como forma de apresentação do texto (DERRIDA, 2008). Respondo a essa questão a partir de meu contexto de ação para afirmar a possibilidade criativa de operar com a ideia de história como invenção e a invenção de histórias. O inventar histórias como resposta à alteridade que me cria nessa relação. O pensamento de Derrida sobre a hospitalidade (DERRIDA, 2003) aparece para pensar como receber e responder à possibilidade esgarçada de inventar qualquer história que não determine ou limite as condições do por vir. Seguindo essas referências teóricas em leituras sobre a educação e currículo, articularei textos mais recentes de Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo.

**Palavras-chave:** Currículo; História; Invenção; Hospitalidade

“Professor, e se a história não existisse?”. “Mas ela não existe?”. “Não existe?”. “Não. Ela é inventada.” “E por que inventaram?”. Esse pequeno diálogo possui partes inventadas sobre a questão da invenção. Mas que partes são essas? Onde estão os limites do que foi chamado de diálogo nesse texto? Esse professor, que responde e que escreve, escreve para tentar responder como tenta operar a ideia da história como invenção, apresentando uma história, um texto, que se dá (doa) como invenção. Um texto que nasce para morrer ao (ter que) deixar de ser o que se imaginou que ele seria quando foi inventado. Um suicídio do texto nascituro. Por fim, espero pensar sobre a possibilidade de operar dentro/fora (fora/dentro) da lógica de ensino-aprendizagem fundamentada na ideia de conhecimento, caracterizador de habilidades e definidor de expectativas em políticas curriculares. Aqui trabalharei pensando no texto da BNCC (2018) a partir das leituras de LOPES (2019) e MACEDO (2016; 2017).

Apresentar respostas para a última pergunta do diálogo e a pergunta do título, a possibilidade de invenção constitutiva, e o poder inventar como permissão/autoridade para inventar qualquer história, busca apontar a possibilidade como o risco do/para o poder. Portanto, afirmar uma possibilidade, que não seja a positivação de um possível que encerraria o poder, é

também afirmar sua impossibilidade (DERRIDA, 2012). Apresentar a invenção do impossível como única invenção possível (DERRIDA, 2008), em contextos de hospitalidade característico da educação (MACEDO, 2018), busca apresentar a experiência do impossível como experiência da possibilidade e do poder inventar qualquer história.

Pensando a educação na relação entre hospitalidade e invenção, questiono o que mais somos capazes de inventar a respeito do que vem, do que chega, do que está por vir, do que pode estar na condição de vir, para sobrepor condições precárias que limitam as possibilidades de apresentação e vivência (BUTLER, 2018). Trazendo essas questões para pensar currículo em história, apresento mais uma questão: é possível inventar qualquer história? Sendo possível, o professor pode inventar qualquer história? É permitido? É adequado? É necessário?

O caminho tentado para pensar a educação a partir dessas ideias foi através do trabalho de memória de minhas experiências docentes, pensadas como minha experiência (do) possível, navegando sob o balançar do voluntarismo e do cálculo que ameaçam encalhar no método e no messianismo. Esse caminho não pode ser uma questão de escolha, de decisão, é mais uma questão de enunciação, de apresentação, de performatividade. Não sendo possível apresentar os meios para essas possibilidades (pois não tem origem nem fim para poder apontar os meios), o caminho pode ser a apresentação de certas experiências incertas, um remetimento à experiência como uma invenção da minha experiência [do] possível [a ser] inventada na escrita. Evitando, na medida do possível, responder a demandas, restritivas e totalizantes, de um relato (auto)biográfico, que buscasse apresentar o tema e solucioná-lo, isto é, apresentar uma vida definida e tematizada falando sobre si mesma<sup>1</sup>. A ideia de que história (e o sujeito) é invenção a partir de experiências possíveis busca investir radicalmente (LACLAU, 2004; LOPES, 2015) na possibilitação de condições de aparecimento de histórias, de sujeitos (BUTLER, 2018), pensada a partir da hospitalidade incondicional e a responsabilidade derridianas (DERRIDA, 2003).

O debate sobre currículo de história é apresentado, tanto em políticas educacionais como no ensino de história, sob forte efeito dos limites definidos pela operação de ideias que pensam sentidos de conhecimento em sua aplicabilidade em relação a projetos de sujeito. Por mais que ideias de emancipação e autonomia estejam presentes em discursos que operam essas ideias, a maneira como seus sentidos são produzidos operam ideias a-históricas, não historicizantes, ao apontar uma finalidade para a história, em sua temporalidade congelada no presente de uma totalidade explicada ou interpretada com base em princípios teleo-ontológicos, o que levaria ao fim da história, da história como história de uma possível e necessária reparação e reconciliação. A partir de Duque-Estrada (2020), aposto na possibilidade de operar em contextos de interação característicos da educação a ideia de radical historicidade, como uma historicidade que se perde, que se dá a perder, como forma de pensar a questão do ser e da história como invenção.

Sigo o caminho dos escritos de Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo para pensar políticas curriculares como formas, constitutivamente falhas, de operação da normatividade e o currículo como produção, como enunciação, pretendo pensar o currículo de história e o currículo em história como invenção. Mas como responder a essa pretensão e tensionar sentidos de currículo e história? A tentativa é escrever um texto inventivo que afirme seu começo inventivo ao falar de si numa estrutura reflexiva que não apenas não produz coincidência ou presença a si mesmo, mas que projeta para frente, doa o advento de si mesmo, ao “falar” ou “escrever” de si mesmo como outro. Esse movimento busca deslocar a questão da educação de sentidos de ensino-aprendizagem que operam na aplicabilidade de um conhecimento (MACEDO, 2017), para pensar a educação nos termos da hospitalidade e responsabilidade derridiana concedida antes mesmo da anunciação, da apresentação do outro, concedida mesmo àquele que não pede. Um acolhimento independente de escolha que não se

perca na expectativa de apontar a escolha ou o caminho certo, mas que exerce uma inteligência em ação que não se encerra na escolha entre.

Invenção do outro como invenção de si mesmo, como invenção que constitui a (o) si mesmo. Sendo o outro precisamente o que não está inventado, a inventividade desconstrucionista só pode consistir de deslocamentos para permitir a passagem através do outro (DERRIDA, 2008). Mas não se faz o outro vir, permite-se esse vir ao dar-se a essa chegada, a essa vinda, e não é possível preparar-se para o que ainda não chegou, para o que ainda não foi inventado, apenas podemos dizer sim ao que vem, ao vir que recebo em troca da doação incondicional daquilo que não possuo e nesse movimento eu me constituto, o eu se constitui, o eu professor que responde e inventa a história e a si mesmo como invenção a cada resposta, e espera - pois mesmo afirmando que o significado nunca chega não deixamos de esperar - criar espaçamentos para que corpos e discursos inventem a si enquanto invenção indecidível.

E mesmo diante do cenário de negacionismo e anti-cientificismo visto atualmente, concordo que o negacionismo não deve ser respondido com o seu oposto constituinte apresentado racionalmente (CASTRO; LOPES, 2020) e insisto em afirmar a possibilidade de inventar qualquer história e em afirmar a educação como hospitalidade incondicional, mesmo diante de todo tipo de crítica que afirma que “em meio à explosão de falácias intelectuais de toda ordem, aderidas a um dizer “sim” à fabulação e “não” à realidade, é preciso retomar o prumo em direção real”. (DUQUE-ESTRADA, 2020, p.14). O momento da responsabilidade, diante dessa ou qualquer situação, não pode situar-se na esfera da produção e aplicação do conhecimento (DUQUE-ESTRADA, 2020, p.40), um conhecimento para um objetivo (MACEDO, 2016), como característica da economicização da vida pelo neoliberalismo (BROWN, 2015). Assim como responsabilidade não pode ser entendida como um atributo anterior ao sujeito, porque qualquer ato do sujeito se constitui já e sempre como uma resposta à demanda que o atinge da singularidade de um outro (DUQUE-ESTRADA, 2020, p.54). Dessa maneira, o que é possível em qualquer situação são respostas responsáveis, que buscam fazer justiça contra a violência fundamental da exclusão da singularidade do outro.

Esse movimento do eu que cria o outro pode ser um caminho para a produção de uma ideia de nós, um nós que não encontra a si mesmo em nenhum lugar, que não inventa a si mesmo, um nós que só pode ser inventado pelo outro e pela vinda do outro que diz “venha” e ao qual uma resposta com outro “venha” parece ser a única invenção desejável e digna de interesse (DERRIDA, 2008). Essas ideias imaginadas em contextos de interação característicos da educação podem ser uma forma do professor atuar para além da centralidade do conhecimento e do conteúdo curricular sem precisar buscar garantias para as expectativas geradas a partir da lógica do ensino-aprendizagem presente em textos de políticas curriculares

## **BIBLIOGRAFIA:**

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BROWN, Wendy. *Undoing demos: neoliberalism's stealth revolution*. New York: Zone Books, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, Bruno Fernando; LOPES, Alice Casimiro. “*Professor, posso inventar qualquer história?*”: práticas de significação no currículo de História. *Revista Espaço do Currículo*

(online), João Pessoa, v.13, n. Especial, p.700-710, dez. 2020.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Psyche Inventions of the Other*. California: Stanford University Press, 2008. vol.1.

DERRIDA, Jacques. *Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento*. Revista Cerrados, 21(33), 2012.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Estudos éticos políticos sobre Derrida*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

LACLAU, Ernesto. *Glimpsing the future*. In: CRITCHLEY, Simon; MARCHART, Oliver. *Laclau: A critical reader*. London: Routledge, 2004.

LOPES, Alice Casimiro. *Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento radical*. In: LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de. (Org.). *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2015.

LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos. *Pensar política com Derrida: Responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

MACEDO, Elizabeth. *Base Nacional Curricular Comum: a falsa oposição entre o conhecimento para fazer algo e o conhecimento em si*. Educação em Revista: Belo Horizonte, v.32, n.02, p. 45-67, Abril-Junho, 2016

MACEDO, Elizabeth. *Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo*. Currículo sem Fronteiras, v. 17, p. 539-554, 2017.

MACEDO, Elizabeth. *A teoria do currículo e o futuro monstro*. In: LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos. *Pensando a política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir*. São Paulo: Cortez, 2018.

MILLER, Janet. *Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura de testagem*. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 2043 - 2063 out./dez. 2014

[1](#)Para uma leitura sobre os usos e contribuições da questão da autobiografia em estudos de currículo a partir do movimento de Reconceptualização do currículo nos EUA , conferir Miller (2014).